

## Uma Notícia no Jornal

Estivera lá fora à chuva. Estava agora diante da lareira da cabana, de pé sobre as pernas bem afastadas uma da outra, inclinada, movendo a cabeça loura e molhada com enfado, como um gato que se recriminasse por não ter sabido fazer melhor. Falava de si para si — num leve rumor murmurado, quase imperceptível naquela divisão pouco mobilada.

— A chuva que cai, a chuva que cai — seria isso o que ela dizia e voltava a dizer, como numa cantilena? Continuou ali um pouco às voltas, movendo-se lentamente e a secar-se, com a cabeça inclinada para diante, e o cabelo louro desfeito e a escorrer. Tomou aplicadamente a saia nas mãos para a expor melhor ao calor.

Depois, muito corada, aproximou-se da mesa e pegou num pequeno embrulho. Foi um saco de café, com uma etiqueta que tinha escrita em letras vermelhas a palavra «Amostra», o que saiu do papel de jornal molhado. Mas pegou-lhe com delicadeza.

— Esta agora, porque o terá ele embrulhado em jornal? — disse ela sustendo a respiração, a olhar ora para uma das mãos, ora para a outra. Tinha de ter sido solitária e desajeitada a vida toda para ser apanhada assim de surpresa pelas coisas.

Pôs o café em cima da mesa, bem ao centro. A seguir pegou no jornal por um dos cantos das folhas e, desdobrando-o indolentemente, abriu-o no chão da sala, alisou-o com atenção e deitou-se em cima dele, a todo o comprimento, junto ao lume. A cantilena da chuva que caía, as suas pequenas exclamações de surpresa não tinham sido mais do que um prelúdio, um simples jogo com que se

distraía quando estava só. Agora sentia-se bem. Estendida perto do lume, o cabelo dela começara a alisar-se e a desenredar-se e a cair-lhe pelos ombros como um pano de seda barata. Fechou os olhos. Crispou os lábios, com uma expressão de astúcia instintiva. Apesar da sua calma completa e do seu bem-estar, dir-se-ia que estava ali como quem se esconde, absolutamente só. E quando o lume se animava e crepitava na lareira, percorria-a um frémito e a sua mão estendia-se como que movida pela impaciência ou pelo desespero.

De súbito moveu-se e procurou o jornal sobre o qual estava deitada. Depois ficou agachada, e tocou uma página impressa como numa coisa frágil. Não se limitou a olhar para ela: observava-a, como qualquer coisa de imprevisível, como uma rapariga muito nova observa uma criança de colo. O papel estava ainda molhado nas partes sobre as quais o seu corpo se deitara. Ela debruçou-se, tensa, e alisou as dobras e as rugas com os seus dedos cor-de-rosa, pequenos e gretados; de quando em vez franzia as sobrancelhas perante o vago desenho de qualquer coisa e das grandes letras que articulavam uma palavra uma linha abaixo dela. Os lábios fremiam-lhe como se olhar e decifrar as sílabas tão lentamente lhe perturbasse o coração.

Bruscamente largou a rir.

— Ruby Fisher! — sussurrou ela.

Assomou-lhe à tona dos olhos azuis parados e da boca delicada uma expressão de extrema timidez, que rapidamente se transformou numa expressão de medo. Olhou à sua volta... Que olhos seriam os que tinha a impressão de a estarem a ver? Compôs decididamente o vestido e soletrou uma dúzia de palavras escritas no jornal.

A breve notícia dizia:

«Mrs. Ruby Fisher teve esta semana a infelicidade de ser atingida a tiro numa perna pelo seu marido.»

Suspirava ao passar de uma palavra à seguinte; deixou para trás aquela palavra mais comprida, «infelicidade», e quando chegou ao fim, voltou a lê-la, pronunciando-a então em voz alta, como se a dissesse a meio de uma conversa.

— Sou eu — disse baixinho, com deferência, muito formalmente.

O lume animou-se e a sua crepitação ressoou pela casa, misturando-se com o repicar da chuva no telhado e o troar incessante da trovoadas.

— Eh, Clyde! — gritou Ruby Fisher por fim, pondo-se de pé de um salto. — Onde é que tu estás, Clyde Fisher?

Correu direita à porta e abriu-a. Entrou uma corrente de ar frio no ambiente aquecido, e foi como se a inundassem a fúria e o desconcerto. Brilhou um relâmpago e ela ficou ali, à espera, quase como se estivesse convencida de que o veria aparecer com a espingarda na mão pronta a disparar.

Não disse mais nada. Virou costas à porta e fechou-a com um golpe da anca. A fúria dissipou-se como um relâmpago de euforia ao longe. Contornando cautelosamente a mesa com o saco de café em cima, começou a andar de um lado para o outro, enervada, pela sala, como se uma dúvida ansiosa e um mistério indefinível a conduzissem. Parava de vez em quando junto a uma janela, e ficava a olhar à espera, perscrutando a chuva. Enquanto estava parada, havia nela uma passividade, ou uma aparência de passividade, que nada tinha de passivo. Havia dentro dela qualquer coisa que nunca se detinha.

Acabou por se deitar no chão, de costas e em cima do jornal, mergulhando demoradamente o olhar no lume. Era como se na cabana houvesse um espelho que ela olhasse cada vez mais profundamente enquanto passava os dedos pelo cabelo, tentando ver-se a si própria e ver Clyde a aproximar-se por detrás.

— Clyde?

Mas, evidentemente, o seu marido, Clyde, estava ainda no bosque. Tinha a sua destilaria de whisky coberta por um espesso telhado de ramadas e um medo mortal de trovoadas como aquela, e por nada deste mundo estaria disposto a enfrentá-la.

E então, quase estupefacta, começou a compreender a sua situação: pegar numa espingarda e disparar sobre ela não era o género de coisa que Clyde fizesse.

Reclinou a cabeça entre os braços cor-de-rosa na direcção do lume e começou a falar, e a falar consigo própria. Abandonou-se a uma espécie de devaneio. Ainda que viesse a saber daquele homem do café, que tinha um *Pontiac*, não lhe parecia que Clyde lhe desse

um tiro. Quando Clyde a magoava, ela saía de casa e ia para a estrada, onde passaria um carro vagaroso, e se o carro tivesse uma matrícula do Tennessee, que era a matrícula da sorte, o mais provável seria acabar por passar a tarde sob o telheiro vazio da debulhadora de algodão. (Aqui, deitou de lado a cabeça em cima dos braços e estirou as pernas num movimento cansado como o de um gato que se espreguiça.) E se Clyde soubesse, esbofeteá-la-ia. Mas a notícia do jornal estava errada. Clyde nunca disparara sobre ela, uma vez que fosse. Tinha havido um engano.

Do lume saltou uma centelha que pôs o jornal em riscos de se incendiar. Ela sobressaltou-se e apagou-a com a mão. Emitiu um murmúrio e voltou a deitar-se mais decididamente em cima das folhas de papel.

Ficou ali deitada, sentindo cada vez mais calor e uma sonolência cada vez maior. Começou a perguntar-se em voz alta como seria se Clyde lhe desse um tiro na perna... Se estivesse realmente muito zangado, seria ou não capaz de lhe dar um tiro no coração?

Logo a seguir imaginou-se a morrer. Estava de camisa de noite, caída, e com uma bala no coração. Toda a gente se daria conta, vendo-a assim deitada com uma expressão tão grave no rosto, da estranha e terrível coisa que acontecera. Doía-lhe tanto o coração a cada pancada com que batia por debaixo da camisa de noite nova — doía-lhe muito mais do que a pele endurecida da cara quando Clyde a esbofeteava. Pôs-se a gemer de manso, como se chorasse sob o efeito de uma dor intensíssima. As lágrimas transformavam-se num ribeiro que inundava a colcha. E Clyde estava ali ao seu lado, de pé, imóvel, com o seu ar de outrora, o negro cabelo revoltado caindo-lhe por cima dos ombros. Como ele era belo e forte, então!

E dir-lhe-ia assim: — Ruby, fui eu que te fiz isto.

E ela responder-lhe-ia, no que não seria mais do que um murmúrio: — É verdade, Clyde. Foi isto que tu me fizeste.

Depois morreria; a sua vida acabaria ali mesmo.

Ficou deitada em silêncio por um momento, imprimindo ao seu rosto uma expressão que deveria ser bela, desejável e morta.

Clyde ia ter de lhe comprar um vestido para o enterro. Ia ter de cavar uma cova muito funda nas traseiras da casa, aos pés do cedro, que seria a sepultura dela. Ia ter de fazer um caixão de madeira de

pinho e de a pôr dentro dele. Depois levá-la-ia a caminho da cova, deitá-la-ia lá dentro e cobri-la-ia de terra. Faria tudo isso cheio de fúria, aos gritos, absolutamente desvairado à ideia de nunca mais voltar a poder tocá-la.

Mudou ligeiramente de posição, e olhou para o lado da janela. A chuva branca continuava a cair. Mal conseguia agora respirar, pensando que seria também assim que ela cairia na cova, da qual Clyde se aproximaria e se deixaria ficar de pé, de olhos postos na terra e molhados pelas lágrimas do seu arrependimento.

Uma grande árvore incandescente subiu iluminando o céu. Ela continuava a olhar pela janela, sufocada pelo calor que se desprendia do lume e pela desgraça, a beleza e a força da sua morte. Rugiu o trovão.

Depois Clyde chegou e ali estava ele, deixando por onde passava rastros de água escura no chão. Empurrou-a com a coronha da espingarda, como se ela estivesse a dormir.

— O que é que temos para jantar? — resmungou ele.

Ela levantou-se de um salto e afastou-se dele. Depois, mais rápida do que um relâmpago, afastou também o jornal. Excepto junto ao lume que ardia, toda a sala estava às escuras. Do interior da sombra assustadora que a presença dele projectava, ela começou a falar-lhe com volubilidade e acendeu a luz.

Ele continuou de pé no mesmo sítio, atordoado, embora com uma expressão paciente e tranquila no rosto benevolente, sem sair de onde estava. Sacudiu as botas cobertas de uma lama avermelhada, e as suas mãos enormes pareciam mais pesadas com a água da chuva que as molhava e escorria pelo cano da espingarda. De súbito, sentou-se cheio de dignidade na cadeira diante da mesa, sem fazer grande alarde da justificada incomodidade da água que o molhava e da fome. Escorriam dele pequenos fios de água que se espalhavam em redor.

Ruby ocupava-se com uma delicadeza discreta de servir o jantar. Andava quase na ponta dos seus pés descalços e quentes. A certa altura, enquanto se ajoelhava para tirar os biscoitos do armário, viu Clyde a olhar para ela e sorriu-lhe, virando docemente a cabeça na direcção dele. Os seus braços moviam-se com gestos que eram